



A opinião em defesa da informação: uma análise da crise da estatística da Covid-19 em O Globo

Roberto Falcão¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação) e Faculdades Integradas Hélio Alonso (professor)

Resumo: Este artigo analisa como editoriais e colunas, espaços de opinião do jornal O Globo, conferiram legitimidade ao consórcio de veículos de imprensa formado pelo próprio periódico e também pelos diários Extra, Folha de S.Paulo e O Estado de São Paulo e pelos portais noticiosos G1 e UOL. O consórcio foi formado em junho de 2020 em reação ao atraso na divulgação dos boletins do Ministério da Saúde com números da pandemia de Covid-19. Através da análise de conteúdo dos editoriais e colunas entre 9 de junho, dia seguinte ao início da operação do consórcio e primeiro dia de aproveitamento de seus dados na edição impressa de O Globo, e 15 de junho, verificou-se como textos do gênero opinativo apoiaram uma iniciativa no âmbito do gênero informativo.

Palavras-chave: Gênero opinativo; gênero informativo; O Globo; consórcio de imprensa; informação oficial.

1. Introdução: informação e opinião em O Globo

Em que medida informação e opinião se complementam nas páginas de um jornal? Com a proposta de atender a esta pergunta, e a partir da oportunidade tristemente oferecida pela pandemia que ora vivemos, analisamos os espaços de opinião do jornal carioca O Globo, nos sete dias seguintes à formação do consórcio de veículos de imprensa para

¹ Professor das Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA). Doutorando em Comunicação na PUC-Rio e mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense. Email: robertofalcao.professor@gmail.com.

garantir confiabilidade às estatísticas de infectados e mortos após polêmica mudança na forma de divulgação dos números pelo Ministério da Saúde.

O consórcio, formado pelo próprio O Globo e mais três jornais (Extra, O Estado de S.Paulo e Folha de S.Paulo) e dois portais de internet (G1 e UOL), fez seu primeiro levantamento de números em 8 de junho, cinco dias após o Ministério da Saúde começar a atrasar a divulgação dos dados diários. Até 2 de junho, o Ministério divulgava os números por volta das 19h, próximo a um horário limite para aproveitamento nos telejornais noturnos e para seu bom uso nas edições do dia seguinte dos periódicos impressos.

O jornal O Globo, o Extra e o portal G1 fazem parte do Grupo Globo, integrado também pela TV Globo, a mais importante rede de TV aberta do país, por canais de TV paga, entre eles a Globonews, líder no segmento de *all news*², e pelas rádios Globo e CBN, entre outros veículos de imprensa, além da Agência Globo³.

O exame do documento “Princípios editoriais do Grupo Globo” permite perceber a importância dada à informação: “De todas as definições possíveis de jornalismo, a que o Grupo Globo adota é esta: jornalismo é o conjunto de atividades que, seguindo certas regras e princípios, produz um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas” (GRUPO GLOBO, 2011, p.3). Este é o primeiro período do primeiro tópico do documento (Breve definição de Jornalismo), destacando mais adiante que faz jornalismo “todo veículo cujo propósito central seja conhecer, produzir conhecimento, informar” (GRUPO GLOBO, 2011, p.4).

A questão da centralidade do propósito de um veículo aqui é chave porque também se apresenta no mesmo documento a possibilidade de alguns conteúdos de além do noticiário: “editoriais com a opinião do veículo, análises de especialistas, artigos opinativos de colaboradores, cronistas, críticos”. Em O Globo, estes espaços de opinião contribuíram para criar legitimidade para o consórcio de veículos de imprensa: de terça-feira, dia 9 de junho, a segunda-feira, dia 15, por 16 vezes se fez sua defesa, direta ou indiretamente, em editoriais e colunas.

² Diz-se do segmento de TVs e rádios dedicados exclusivamente à produção jornalística.

³ Uma das três mais importantes agências de notícia brasileiras, com clientes em todas as regiões do Brasil. As outras são Folhapress, do Grupo Folha, do jornal Folha de S.Paulo, e Estadão Conteúdo, do grupo Estado, do jornal O Estado de S.Paulo.



2. Gênero informativo e gênero opinativo

O jornalismo profissional como é entendido em 2020, com valorização do objeto a ser noticiado e não do sujeito a relatá-lo, é uma invenção do início do século XIX, com a transformação do jornal em um primeiro e efetivo meio de comunicação de massa, notadamente nos Estados Unidos, na Inglaterra e na França. A imprensa comercial que surge à época aproveitando a expansão da massa de consumidores a reboque da industrialização se ampara na informação, e não mais na propaganda de ideias, que dominava os jornais até então. O jornalista e pesquisador Nelson Traquina relata que, para atingir o “objetivo de fornecer informação e não propaganda, os jornais oferecem um novo produto – as notícias, baseadas nos ‘fatos’ e não nas ‘opiniões’” (TRAQUINA, 2005, p.34).

Para Traquina (id.), é no início do século XIX que se constrói um novo paradigma para o jornalismo, baseado em valores que se mantêm até hoje, entre eles objetividade, independência e serviço ao público. Esta ideia de estar a serviço do público, de cumprir um papel social pela informação, é que faz do jornalismo um “quarto poder”, como nos apontam Leonel Aguiar e Adriana Barsotti:

Paradoxalmente, por mais que se profissionalizasse em bases comerciais, o jornalismo conseguiu fazer prevalecer no imaginário da sociedade seu papel como guardião da democracia, graças aos teóricos da opinião pública. No ano de 1828, ainda sob influência da Revolução Francesa, o deputado McCaulay, do Parlamento inglês, criou o termo “Quarto Poder” para referir-se ao jornalismo. Ele empregou o termo *quarto état* (o termo francês para poder), tendo como referência os três *états* da Revolução Francesa: o clero, a nobreza e o *troisième état*, que englobava os burgueses e o povo. (AGUIAR; BARSOTTI, 2016, p.197)

No entanto, é preciso perceber que o jornalismo não alijou de vez a subjetividade de seu conteúdo. Os jornais, principalmente, mantêm importantes espaços dedicados à opinião, em que colunistas e articulistas comentam os fatos ou os assuntos a partir de seu ponto de vista e os editorialistas expressam a posição institucional de sua organização. A partir de estudos de José Marques de Melo, o também pesquisador Lailton Alves da Costa traça um paralelo entre os gêneros informativo e opinativo:

No jornalismo informativo, o relato terá sua estrutura dependente de variáveis externas: os acontecimentos e a relação estabelecida entre o jornalista e os protagonistas do acontecimento. No opinativo, a estrutura dependeria do controle, pela instituição, da autoria e angulação (...) da narração. (COSTA, 2010, p.45)

Costa lista como formatos do jornalismo informativo a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista, e inclui no jornalismo opinativo o editorial, o artigo, o comentário, a resenha, a coluna, a crônica, a caricatura e a carta. Os dois gêneros, no entanto, guardam intensa relação: os temas normalmente tratados no opinativo são da atualidade, um dos valores mais importantes para o informativo. Para ilustrar: em uma semana a partir de 9 de junho, quando se iniciou a publicação no jornal O Globo dos dados levantados pelo consórcio de imprensa, foram analisados 81 textos de opinião, entre colunas, artigos e editoriais, e todos versavam sobre temas atuais à época.

Para análise de conteúdo de texto⁴, não foram considerados, entre os formatos listados por Costa: caricatura, porque demandaria outro tipo de análise, a imagética; comentário e crônica, por não terem sido encontrados no período; e carta, uma vez que trazem opinião alheia à linha editorial do jornal. Os textos foram divididos em quatro categorias: os que fizeram menção e defesa direta do consórcio de imprensa, que totalizaram 4; foram 8 os que fizeram uma defesa indireta por atacarem as supostas inconsistências do Ministério da Saúde; somaram 23 os que trataram da epidemia de Covid-19, mas sem mencionar a questão das estatísticas, e por isso foram classificados à parte; e os que cuidaram de outros assuntos foram 42 (tabela 1).

Tabela 1: Classificação de textos de Opinião de ‘O Globo’

Junho de 2000	Defesa direta do consórcio	Defesa indireta do consórcio	Covid	Outros Assuntos	Títulos por dia
9, terça-feira	3	3	2	4	12
10, quarta-feira	1	3	2	5	11
11, quinta-feira	0	0	3	8	11
12, sexta-feira	0	4	6	3	13
13, sábado	0	2	2	8	12
14, domingo	0	0	4	9	13
15, segunda-feira	0	0	4	5	9
Totais na semana	4	12	23	42	81

⁴ Análise de conteúdo com categorização conforme proposição de Bardin (2011, p.147-164). O período, de uma terça-feira a uma segunda-feira, foi definido em função da necessidade de analisar pelo menos um dia da semana já que as colunas não são diárias – algumas são publicadas uma vez por semana.

Dos quatro jornais integrantes do consórcio de imprensa, O Globo é o único a fazer parte do Grupo Diários da América (GDA), uma aliança que reúne 11 dos mais importantes periódicos⁵ da América Latina. Lançado em 1925, O Globo é um dos periódicos apontados como de influência nacional por Sonia Aguiar (2016, p.134-136), que o identifica como o mais importante dos jornais do Infoglobo, empresa integrante do Grupo Globo.

3. Breve história do caso

Em 26 de fevereiro de 2020, foi confirmado no Brasil o primeiro caso de Covid-19, de um paciente de 61 anos que na véspera dera entrada no Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, com histórico de viagem para a Lombardia, Itália, então um dos epicentros da doença. A notícia foi apresentada pelo então ministro da Saúde, o médico Luiz Henrique Mandetta, em entrevista coletiva, conforme era habitual em sua gestão.

O procedimento de comunicação, de amplo anúncio através da mídia profissional, está conforme as recomendações da publicação “Comunicação eficaz com a mídia durante emergências de saúde pública: um manual da OMS”, editado em inglês pela Organização Mundial de Saúde, em 2007, e em português pelo Ministério da Saúde, em 2009, e disponível para consulta ou *download* em sua Biblioteca Virtual em Saúde.

Tal comunicação eficaz requer confiança e entendimento entre os agentes de saúde pública e a mídia. A mídia depende dos agentes de saúde pública para produzir informações precisas e no tempo certo. Agentes de saúde pública dependem da mídia para transmitir suas mensagens antes, durante e depois de uma emergência. Eles também usam a mídia como um sistema de vigilância. Por estas razões, cada lado depende do outro para ter êxito. (...) a mídia deve ser vista como um meio crucial de repasse de informações e como um componente da vigilância de surtos. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2009, p. 17)

O primeiro óbito no Brasil ocorreu em 12 de março, de uma mulher de 57 anos que se internara na véspera no Hospital Municipal Dr. Carmino Caricchio, na cidade de São Paulo. Em 2 de agosto, conforme atualização às 20h, o Painel Coronavírus do Ministé-

⁵ Além de O Globo, integram o GDA: La Nación (Argentina), El Mercurio (Chile), El Tiempo (Colômbia), La Nación (Costa Rica), El Universal (México), El Comercio (Peru), El Nuevo Día (Puerto Rico), El País (Uruguai), El Nacional (Venezuela) e La Prensa Gráfica (El Salvador).

rio da Saúde registrava 25.800 casos novos, chegando a 2.733.667 o número de casos acumulados. Foram informados 541 novos óbitos, levando o acumulado para 94.104.

Números levantados por consórcio de imprensa formado pelos portais G1 e UOL e pelos jornais O Globo, Extra, O Estado de S.Paulo e Folha de S.Paulo foram bastante semelhantes: 514 mortes confirmadas em 24 horas, totalizando 94.130 óbitos. Pelo consórcio, os casos novos foram 24.746, totalizando 2.733.622 registros em território nacional. O horário do fechamento de dados do boletim foi às 20h, e as fontes primárias são as mesmas do Ministério da Saúde: as secretarias de Saúde das 27 unidades federativas (26 estados e o Distrito Federal).

O consórcio de veículos de imprensa, apresentado pelos integrantes como uma iniciativa inédita no Brasil, foi formado em reação a uma quebra da rotina de atualização de dados do Ministério da Saúde, nos dias 3, 4 e 5 de junho, já sob comando do general Eduardo Pazzuelo⁶. Conforme relato extraído em matérias publicadas no site da agência de notícias internacional Reuters, desde o dia 3, uma quarta-feira, o Ministério da Saúde vinha atrasando o horário de divulgação dos boletins de casos e óbitos. No dia 4 de junho, uma quinta-feira, em matéria publicada em seu site às 22h32, a Reuters relatou problemas:

(...) foram contabilizadas 30.925 novas infecções nesta quinta-feira, levando o total no país a 614.941, segundo os números do ministério, que pelo segundo dia seguido atrasou a divulgação dos dados prevista para as 19h para depois das 22h. Na véspera, a pasta apontou para problemas técnicos, mas nesta quinta não houve qualquer explicação. (REUTERS, 4 jun. 2020)

No dia 6 de junho, sábado, em matéria publicada às 16h10, a Reuters reforçava a prática do novo horário adotado pelo Ministério, lembrando que anteriormente o horário de divulgação dos números era bem mais cedo: “o dado saía entre 16h e 17h durante a gestão de Luiz Henrique Mandetta e às 19h sob comando de Nelson Teich”. No mesmo texto, a Reuters traz trechos de uma nota do Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (Conass) levantando suspeitas sobre manipulação de dados: “A tentativa autoritária, insensível, desumana e antiética de dar invisibilidade aos mortos pela Covid-19, não prosperará”, transcreve a matéria.

⁶ O general Pazzuelo tem, como ministro interino, um período mais longo no comando do Ministério da Saúde que seu antecessor, o titular Nelson Teich. Pazzuelo é interino desde 15 de maio, quando o médico Teich deixou o cargo. Teich assumiu em 16 de abril. Antes dele, foi ministro Luiz Henrique Mandetta, o primeiro a assumir a pasta no governo do Presidente Jair Bolsonaro, em 2 de janeiro de 2019.

Ainda em 6 de junho, em matéria publicada às 19h53 e assinada por Pedro Fonseca, a Reuters relatava que o presidente da República, Jair Bolsonaro, afirmou ironicamente “que o Jornal Nacional, da TV Globo, não poderá mais divulgar o número oficial de vítimas da Covid-19 no Brasil depois que o Ministério da Saúde passou a divulgar os dados da epidemia às 22h” – o noticiário, com cerca de uma hora de duração, de segunda-feira a sábado, costuma começar às 20h30 e encerrar às 21h30⁷. Neste mesmo dia, somente às 22h25, a Reuters publicou os números do Brasil em seu site.

No dia seguinte, 7 de junho, domingo, a Reuters publicou os números um pouco mais cedo, às 21h27, em matéria assinada por Eduardo Simões, que relatava um maior apuro no tratamento dos dados pelo Ministério da Saúde. O órgão passou a publicar uma página interativa em seu site, de forma a que o usuário pudesse buscar dados por regiões e estados. No entanto, a questão da hora de divulgação, crucial para os veículos de imprensa, permanecia tardia.

No dia 8 de junho, segunda-feira, o debate em torno dos números e seus procedimentos de divulgação tomou o país, criando uma reação generalizada às últimas decisões do Ministério da Saúde, conforme se pode constatar pelo acompanhamento que lhe deu a Reuters. Logo cedo, às 8h08, a agência publicou matéria dando conta de mais um problema: inconsistência de dados divulgados pelo Ministério da Saúde na véspera, com números diferentes em dois boletins:

Inicialmente, gráficos enviados pelo ministério a jornalistas por volta das 20h40 apontaram que o Brasil havia registrado 1.382 novas mortes por Covid-19 nas últimas 24 horas e que o total de óbitos causadas pela doença respiratória provocada pelo novo coronavírus havia chegado a 37.312 no domingo. De acordo com os gráficos, o número total de casos confirmados da doença havia chegado a 685.427, um acréscimo de 12.581 novos diagnósticos em 24 horas. No entanto, às 21h50, o ministério divulgou números diferentes na plataforma online sobre os casos e mortes. Segundo o site, foram 18.912 casos e 525 mortes registradas em 24 horas, o que totalizaria 36.455 mortes e 691.758 casos. (FONSECA; SIMÕES, 8 jun. 2020)

O noticiário da segunda-feira da Reuters evidencia a amplitude do debate, conforme se pode verificar pela sequência de matérias no dia:

⁷ A exceção ocorre às quartas-feiras com transmissão de futebol, quando o Jornal Nacional costuma ter seu início antecipado para as 20h.

Às 13h13, sob o título “OMS diz esperar que comunicação do Brasil sobre Covid-19 seja ‘consistente e transparente’”, é relatado que o chefe do programa de emergências da Organização Mundial da Saúde, Mike Ryan, demonstrou preocupação com os procedimentos do governo brasileiro na entrevista coletiva diária que a entidade realiza em sua sede, em Genebra, na Suíça.

Às 16h38, em matéria intitulada "Vamos dirigir no escuro na pandemia sem dados confiáveis, diz pesquisador da Fiocruz", é apontado o risco da falta de informação pelo cientista Carlos Machado, pesquisador titular da Escola Nacional de Saúde Pública, da Fundação Oswaldo Cruz, vinculada ao próprio Ministério da Saúde.

Às 18h18, sob o título “Diante de mudança em divulgação de dados de Covid-19, Congresso irá se debruçar sobre estatísticas”, matéria relata que os presidentes do Senado, Davi Alcolumbre, e da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, planejam que o Poder Legislativo, em seu nível federal, cuide das estatísticas da pandemia.

Às 19h13, matéria intitulada “Líder do Cidadania protocola pedido de CPI no Senado sobre dados da Covid-19”, informa que a senadora Eliziane Gama, do Maranhão, protocolou pedido de criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito na Casa “para apurar mudança na forma de divulgação dos números de casos e mortes da Covid-19 no Brasil pelo Ministério da Saúde”.

Já de noite, é anunciada pelo Ministério da Saúde mudança de procedimento. Em matéria publicada às 20h03, intitulada “Após críticas [sic], Ministério da Saúde recua e volta a divulgar mais cedo dados sobre Covid”, o secretário-executivo do ministério, Élcio Franco, em entrevista coletiva no Palácio do Planalto, informou que “a apresentação dos dados às 18h foi acertada com as Secretarias de Saúde dos Estados, que terão de encaminhar suas informações ao ministério até as 16h para que a pasta faça uma consolidação”. Segundo Franco, o recuo não se deu por pressão política, mas por uma questão técnica.

Às 20h43, a Reuters publicou os dados diários⁸, mas no dia seguinte, terça-feira 9 de junho, a publicação já ocorreu quase uma hora mais cedo, às 19h44. Aliás, aquela terça-feira também foi de grande movimentação. Já de manhã cedo, às 7h45, a Reuters anun-

⁸ Na primeira publicação, por um erro de redação da Reuters, não do Ministério da Saúde, os números estavam errados. Foi publicada uma correção, às 21h.

ciava a decisão do ministro Alexandre Moraes, do Supremo Tribunal Federal, que “deu 48 horas para o governo cumprir a decisão e retornar a divulgação dos dados da forma como fazia desde o início da pandemia no país até o último dia 4 de junho”.

A decisão do ministro Alexandre Moraes, do STF, no dia 9, atendia parcialmente a um pedido liminar de três partidos políticos (Rede, PCdoB e PSOL), determinando a divulgação, pelo Governo Federal, dos números da pandemia até as 19h30, incluindo suas totalizações e não apenas os dados das últimas 24 horas. A determinação do ministro do STF restabeleceu a rotina adotada até 4 de junho.

4. A opinião em defesa da informação

Independentemente das decisões do STF ou do Ministério da Saúde, algumas das principais organizações jornalísticas se movimentaram para garantir acesso aos dados. G1, UOL, O Globo, Extra, O Estado de S.Paulo e Folha de S.Paulo passaram a trabalhar, desde o dia 8 de junho, de forma colaborativa para reunir as informações necessárias junto às secretarias de saúde dos 26 estados e do Distrito Federal.

No dia 8 de noite, todos os integrantes do consórcio puderam utilizar os dados em seus noticiários online, assim como a Rede Globo de televisão, que integra o Grupo Globo. O alcance do consórcio é enorme pois reúne os dois maiores portais de notícias do país (G1 e UOL) e os três mais importantes jornais brasileiros de referência (Folha de S.Paulo, O Estado de S.Paulo e O Globo), além do popular Extra. Por extensão, as empresas jornalísticas do Grupo Globo, do Grupo Folha e do Grupo Estado. Além disso, O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo e O Globo são proprietários das três principais agências de notícia brasileiras.

No dia 9, a exemplo de O Estado de S.Paulo e Folha de S.Paulo⁹, O Globo publicou a iniciativa como sua manchete: “Mais que números. Consórcio inédito de veículos de imprensa dá transparência a dados vitais no combate à Covid”. Em matéria na página 10, assinada por André de Souza, Gustavo Maia e Paula Ferreira, é explicado que anteriormente os dados do Ministério da Saúde eram utilizados pelos jornais e portais reuni-

⁹ O *Extra* optou por publicar como segundo título principal de sua primeira página.

dos no consórcio, que passariam a levantar os números direta e independentemente, de forma colaborativa.

Na mesma edição, o assunto ganhou sustentação e valorização nos textos de opinião do jornal: em 12 títulos, seis traziam uma defesa direta ou indireta da iniciativa do consórcio dos veículos de imprensa, sendo três deles com chamada na primeira página. Em Editorial à página 2, intitulado “Um Ministério da Saúde à deriva”, o jornal traz sua posição institucional:

O jornalismo profissional também não deixará de informá-los. O Globo, “Extra”, G1, “Estado de S.Paulo”, “Folha de S.Paulo” e UOL formaram parceria para divulgar os dados e informá-los. Ocultar ou manipular números afeta governos e sociedade, prejudica a imagem do Brasil no exterior e não contribui em nada para combater o coronavírus. (O GLOBO, 9 jun. 2020, p.2)

As defesas indiretas foram consideradas aquelas em que a sistemática do Ministério da Saúde foi atacada, como fez Merval Pereira, em sua coluna à página 2, atribuindo ao governo do Presidente Bolsonaro a decisão de “maquiar as estatísticas”. Em frase que foi pinçada para fazer chamada de primeira página, Merval avalia que “Brigar com números é tendência de governos autoritários”. Também Carlos Andreazza e José Casado, em colunas à página 3, fazem defesa indireta do consórcio, e ambos também tiveram chamada na primeira página. Andreazza, sob o título “Pedaladas funerárias”, escreve que “temos um governo que, oficial e criminosamente, descaracteriza número de doentes e mortos pela peste – prática fascistóide que compõe a gramática golpista”. José Casado diz que “Jair Bolsonaro resolveu torturar as estatísticas sobre as mortes de brasileiros pela Covid-19”.

Defesa direta da importância do consórcio foi feita pelos colunistas Bernardo Mello Franco, na página 5, e Miriam Leitão, na 20. Para Leitão, “Sonegar informações de mortos e contaminados numa pandemia é crime”, e atribuiu o recuo do Ministério da Saúde à reação do Congresso Nacional e dos órgãos de imprensa, que “anunciaram uma parceria inédita”. Na mesma linha, mas um pouco mais contundente, Franco atribuiu ao presidente da República a responsabilidade pelo atraso nos boletins do Ministério da Saúde para “esconder as mortes dos telejornais”:

Ao sonegar informações, o presidente atenta contra a saúde pública (...) Nos anos 70, o regime militar tentou esconder uma epidemia de meningite. Não funcionou na época e não tem chance de funcionar agora, na era da comunicação instantânea. Numa democracia, a sociedade tem mais recursos para driblar a mentira oficial. O Congresso e o Conselho Nacional dos Secretários de Saúde se ofereceram para compilar os dados. Os meios de comunicação foram mais rápidos e montaram um consórcio para fornecer números mais confiáveis. (FRANCO. O GLOBO, 9 jun. 2020, p.5)

No dia seguinte, quarta-feira 10, Zuenir Ventura, na sua coluna na página 3, registrava que “Bolsonaro conseguiu um feito histórico, porque inédito: unir numa parceria seis veículos de imprensa do Rio e de São Paulo (...)”. Em Editorial na página 2, na coluna A Hora da Ciência, neste dia assinada pelo virologista Amilcar Tanuri, da UFRJ, na 10, e no espaço de Miriam Leitão, na 18, são feitos ataques à suposta maquiagem dos números, mas não há citação literal ao consórcio.

No dia 11 (quinta-feira), curiosamente não houve menção à questão dos números da Covid-19 nos espaços de opinião, mas no dia 12 (sexta-feira) foram quatro, todos defendendo o consórcio de forma indireta ao comentarem a respeito da polêmica na divulgação dos números da pandemia pelo Ministério da Saúde: Nelson Motta (página 3), Rogério Furquim Werneck (página 3), Patrícia Rocco, em A Hora da Ciência (página 12) e Ruth de Aquino (Segundo Caderno, página 4). Aquino, inclusive, foi bastante incisiva em seu comentário: “Bolsonaro e seu general de cabeceira tentaram maquiar o total de mortos. É provável que nenhum número seja real.”

No sábado, dia 13, mais duas vezes houve defesa indireta do consórcio, na coluna de Miriam Leitão (página 24), e do escritor angolano José Eduardo Agualusa, no Segundo Caderno (página 6). A partir de uma história real acontecida no Rio Tejo, em Portugal, onde uma lontra foi confundida com um crocodilo, Agualusa cria uma parábola, em que o perigoso animal é alegoria da pandemia.

“Tem um monte de crocodilos por aí comendo gente”, alertam especialistas. Bolsonaro encolhe os ombros flácidos e grita: “São lontras, p****! Duas ou três lontrinhas de merda! Querem f**** com minha família?!” – e nessa mesma tarde emite um decreto-lei equiparando os crocodilos a lontras. (AGUALUSA. O GLOBO, 13 jun. 2020, Segundo Caderno, p.6)

No domingo e na segunda-feira, dias 14 e 15, o assunto já tinha “esfriado”, conforme se diz no jargão de jornalismo, e não foi mais mencionado nos espaços de opinião do jornal. Portanto, em uma semana completa, de terça-feira (9) a segunda-feira (15),

foram encontrados 16 textos de opinião que tratavam de estatística da pandemia, todos em posição contrária ao Ministério da Saúde, sendo que quatro (um editorial e três colunas) citavam a criação do consórcio de imprensa como solução, ou parte da solução, do problema. Estes 16 textos representaram praticamente 20%, ou um quinto, do total de 81 títulos de opinião do período.

5. Considerações finais: a opinião que legitima

Este estudo abre a perspectiva para uma outra pesquisa, de certa maneira feita em sentido contrário: aferir o grau de isenção, um dos “atributos da informação de qualidade” apresentada nos “Princípios editoriais do Grupo Globo” (GRUPO GLOBO, 2011, p.5), do noticiário a respeito da formação do consórcio de veículos de imprensa, trabalhando conjuntamente análise de conteúdo e análise do discurso. Independentemente disso, a pesquisa apresentada é suficiente para primeiras considerações.

Os textos em questão estavam claramente demarcados como de opinião, de maneira a não serem confundidos com o noticiário, cumprindo um preceito estabelecido no documento “Princípios editoriais do Grupo Globo”: “Todo esforço deve ser feito para que o público possa diferenciar o que é publicado como comentário, como opinião, do que é publicado como notícia, como informação” (GRUPO GLOBO, 2011, p.9).

A verificação de editoriais e colunas de O Globo, entre 9 e 15 de junho, evidencia que uma decisão no âmbito da informação, a criação de um consórcio de veículos de imprensa para levantamento de números da pandemia no Brasil, teve sua legitimidade reforçada pelos textos de opinião do jornal. Ainda que parte destes textos não tivesse citado literalmente o consórcio, ainda assim atacaram os procedimentos de divulgação do Ministério da Saúde, defendendo a necessidade de uma apuração com confiabilidade, um dos pilares do jornalismo profissional.

Referências

AGUIAR, Leonel Azevedo de; BARSOTTI, Adriana. **O Jornalismo e os dilemas da Contemporaneidade: o eu, o aqui e o agora**. Mídia e Cotidiano, v. 10, p. 192-209, 2016.

AGUIAR, Sonia. Territórios do jornalismo: geografias da mídia. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

AQUINO, Vanessa; MONTEIRO, Natália. Brasil confirma primeiro caso da doença. **Ministério da Saúde**, 26 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

APÓS críticas, Ministério da Saúde recua e volta a divulgar mais cedo dados sobre Covid. **Reuters**, Brasília, 8 jun. 2020. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRKBN23F2Z2-OBRDN>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL passa de 34 mil mortes por Covid-19 e supera Itália; ministério atrasa divulgação. **Reuters**, Rio de Janeiro e São Paulo, 4 jun. 2020. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRKBN23C05Q-OBRDN>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

BRASIL registra média de 1.011 mortes pelo coronavírus por dia na última semana; 8 estados e DF têm alta de óbitos. **G1**, 2 ago. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/02/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-2-de-agosto-segundo-o-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>>. Acesso em: 3 ago. de 2020.

BRASIL tem 849 mortes por coronavírus em 24 horas, revela consórcio de veículos de imprensa; são 37.312 no total. **Folha Online**, São Paulo, 8 jun. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/brasil-tem-849-mortes-por-coronavirus-em-24-horas-revela-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-sao-37312-no-total.shtml>>. Acesso em: 2 ago. 2020.

BRASIL tem 849 mortes por covid-19 em 24h, revela consórcio de veículos de imprensa; 37 mil no total. **Estadão Online**, São Paulo, 8 jun. 2020. Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-tem-849-mortes-por-covid-19-em-24h-revela-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-37-mil-no-total,70003328795>>. Acesso em: 2 ago. 2020.

BRITO, Ricardo. Moraes, do STF, ordena que Ministério da Saúde divulgue dados integrais sobre Covid-19. **Reuters**, 9 jun. 2020. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRKBN23G1DD-OBRDN>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

BRITO, Ricardo; FONSECA, Pedro; ARAUJO, Gabriel. Ministério repete dados do Conass e confirma 707.412 casos e 37.134 mortes por Covid-19. **Reuters**, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, 8 jun. 2020. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRKBN23F30Q-OBRDN>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

CORREÇÃO-Brasil tem 707.412 casos do novo coronavírus e 37.134 mortes, diz plataforma do Conass. **Reuters**, Rio de Janeiro, 8 jun. 2020. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRKBN23F2W9-OBRDN>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

COSTA, Lailton Alves da. **Gêneros Jornalísticos**. In: MELO, José Marques de Melo; ASSIS, Francisco de. Gêneros jornalísticos no Brasil. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

DIANTE de mudança em divulgação de dados de Covid-19, Congresso irá se debruçar sobre estatísticas. **Reuters**, Brasília, 8 jun. 2020. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRKBN23F2U0-OBRDN>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

FONSECA, Pedro. "Acabou matéria do Jornal Nacional", diz Bolsonaro sobre atraso em divulgação de casos de Covid-19. **Reuters**, Rio de Janeiro, 5 de jun. 2020. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRKBN23C35H-OBRDN>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

FONSECA, Pedro; ARAUJO, Gabriel. Vamos dirigir no escuro na pandemia sem dados confiáveis, diz pesquisador da Fiocruz. **Reuters**, Rio de Janeiro e São Paulo, 8 jun. 2020. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRKBN23F2NK-OBRDN>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

GDA. **GDA**, [s.d.]. Quienes somos. Disponível em: <<http://gda.com/quienes-somos/>>. Acesso em: 4 ago. 2020.

GRUPO GLOBO. **Princípios editoriais do Grupo Globo**, 2011. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 2011. G1, 2011. PDF. Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

LÍDER do Cidadania protocola pedido de CPI no Senado sobre dados da Covid-19. **Reuters**, Brasília, 8 jun. 2020. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRKBN23F2WW-OBRDN>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

MELO, José Marques de Melo. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim epidemiológico especial 24**, 2020. Disponível em: <<https://saude.gov.br/images/pdf/2020/July/30/Boletim-epidemiologico-COVID-24.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, **Ministério da Saúde**. Galeria de Ministros. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/galeria-de-ministros>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, **Painel Coronavírus**. Estatísticas, 2 ago. 2020. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

OMS diz esperar que comunicação do Brasil sobre Covid-19 seja "consistente e transparente". **Reuters**, 8 jun. 2020. Disponível em:

<<https://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRKBN23F24P-OBRDN>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Comunicação eficaz com a mídia durante emergências de saúde pública**: um manual da OMS / Organização Mundial da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Biblioteca Virtual em Saúde – Ministério da Saúde, 2009. PDF. Disponível em:

<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/comunicacao_eficaz_midia_durante_emergencias.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2020.

PRIMEIRO caso de Covid-19 no Brasil permanece sendo o de 26 de fevereiro. **Ministério da Saúde**, 17 jul. 2020. Disponível em: <[https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/47215-primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-permanece-sendo-o-de-26-de-feverei-](https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/47215-primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-permanece-sendo-o-de-26-de-feverei-ro#:~:text=Desta%20forma%2C%20o%20primeiro%20caso,divulgado%20pelo%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAE.>)

ro#:~:text=Desta%20forma%2C%20o%20primeiro%20caso,divulgado%20pelo%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAE.>. Acesso em: 3 ago. 2020.

SANDES, Arthur. Brasil registra 849 mortes em 24h, revela consórcio de veículos de imprensa. **UOL**, 8 jun. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/08/brasil-registra-mortes-em-24h-revela-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2020.

SIMÕES, Eduardo. Brasil tem 1.382 novas mortes por Covid-19 e total ultrapassa 37 mil. **Reuters**, São Paulo, 7 jun. 2020. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRKBN23F00L-OBRDN>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

_____. Brasil tem mais 904 mortes e 27 mil casos de Covid-19, diz Ministério da Saúde. **Reuters**, Brasília, 9 jun. 2020. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRKBN23E00H-OBRDN>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

_____. Governo Jair Bolsonaro quer tornar mortos por Covid-19 invisíveis, dizem secretários de Saúde. **Reuters**, São Paulo, 6 jun. 2020. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/idBRKBN23D0U4-OBRDN>>. Acesso em 3 ago. 2020.

SIMÕES, Eduardo; FONSECA, Pedro. Ministério da Saúde divulga números divergentes de casos e mortes da Covid-19. **Reuters**, São Paulo e Rio de Janeiro, 8 jun. 2020. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRKBN23F1C3-OBRDN>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

VERDÉLIO, Andreia. Primeira morte por covid-19 no Brasil aconteceu em 12 de março. **Agência Brasil**, Brasília, 28 de jun. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-06/primeira-morte-por-covid-19-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco>>. Acesso em: 3 ago. de 2020.

Jornais pesquisados

Extra, Rio de Janeiro, 9 jun. 2020.

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
3 a 6 de Novembro de 2020



Folha de S.Paulo, São Paulo, 9 jun. 2020.

O Estado de S.Paulo, São Paulo, 9 jun. 2020.

O Globo, Rio de Janeiro, 8 jun. – 15 jun., 2020.
_____, 2 ago., 2020.